

# MOEDAS RELIGIOSAS EM PORTUGAL

## «MEDALHAS DE DEVOÇÃO»

POR LUÍS CHAVES

1 — As *medalhas religiosas* e de interesse religioso começam, nos primeiros tempos cristãos, por ter sentido ou valor duplo: — *amulético* e *devoto*. O primeiro marcava a continuidade histórica e artística dos amuletos pagãos de uso oficial e comum em Roma; o segundo representava a cristianização, e o transporte para o espírito da Cristandade nascente, do costume consagrado e vivo. Uns e outros destes amuletos eram *monetiformes*, característica formal, que as medalhas cristãs de devoção conservaram e continuaram. As moedas imperiais, a partir de Constantino, séc. IV, com a Cruz ou o *chrismon* do reverso, acompanhados ou não das letras apocalípticas, o  $\alpha$  e o  $\omega$  (Ego sum  $\alpha$  &  $\omega$ , principium & finis (1)), determinam a transição, com aproveitamento de elementos e sugestões anteriores, do amuleto pagão para o amuleto cristão, e deste para a medalha integralmente cristã ou de pura devoção: *medalha de devoção*.

Deve notar-se que o uso da medalha cristã representa vulgarmente um complexo de amuleto e de devoção, quando se lhe atribuem virtudes intrínsecas e não, espiritualmente, o simbolismo e a afirmação de fé, a *confessio* figurada e representativa do crente (2).

---

(1) ISAIAS: *primus, & novissimus ego sum* (XLI, 4); *ego primus, & ego novissimus* (XLIV, 6); *ego ipse, ego primus ego novissimus* (XLVIII, 12). APOCALIPSE: *ego sum  $\alpha$  &  $\omega$ , principium & finis* (I, 8); *ego sum  $\alpha$  &  $\omega$ , initium et finis* (XXI, 6); *ego sum  $\alpha$  &  $\omega$ , primus, & novissimus, principium, & finis* (XXII, 13).

(2) Trata-se de assunto etnográfico; estudou-o, como tal, Leite de Vasconcelos em *O Archeólogo Português*, vol. X, Lisboa, 1905, págs. 169 a 175, com o título de *Monnaies anciennes percées d'un trou de suspension*; publicou o mesmo estudo em *Opúsculos*, vol. V, Lisboa, 1938, págs. 111 a 122, com o título novo *Signification religieuse ou magique, en Lusitanie, de quelques monnaies anciennes percées d'un trou de suspension*. (Este estudo formou uma comunicação do Autor, apresentada no Congresso Internacional de Arqueologia, que se realizou na cidade de Atenas em 1905, onde foi lida no dia 10 de Abril).

A forma e o uso da moeda, com a abertura do orifício para suspensão, sugeriram o simples disco, independente já das representações ou sinais, que fossem aproveitados de utilização anterior; era já a *medalha inicial*, cuja feição perduraria pelos séculos adiante. Havia-as de ouro, prata, bronze e chumbo; também, como nos tempos prècristãos, se faziam de vidro, emolduradas num arco metálico; a suspensão ou fixação obtinha-se por meio de orifício aberto na medalha ou por argola, fixa ou solta (3).

As medalhas utilizadas pelos cristãos, fossem elas de procedência monetária (como as do tempo de Constantino Magno com a imagem imperial e com a cruz) ou já de integral significação cristã, constituíam, umas e outras, a *confessio* ou afirmação de fé em Cristo e na sua doutrina emancipadora. O exemplo das medalhas-amuletos e medalhas-memórias do mundo pagão estimulou os cristãos a formar o espírito das suas medalhas-de-devoção; naquelas representavam cenas mitológicas, episódios báquicos, gladiadores em combate, construções, etc. (4); nas cristãs, do século II ao século VII, apareciam Jesus, Jesus com os Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, S. Pedro e S. Paulo sós, S. Pedro, o Bom Pastor, a Adoração dos Reis, Abraão (5), Daniel entre os leões, etc., personagens, episódios, evocações, de sentido puramente cristão. Principalmente De Rossi os ergueu da sua *Roma Soterranea*, e muitas se guardaram nas colecções do Vaticano (6). É a segunda fase ou segundo período na história evolu-

(3) D. Fernand Cabrol, *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, Tomo I, 2.<sup>a</sup> Parte, Paris 1907, col. 1822 e s.s.

(4) René Cagnat, *Cours d'Épigraphie Latine*, Paris, 1890, pág. 310.

(5) Era frequente a representação de Abraão nas primitivas medalhas cristãs. — «Eu vos afirmo que muitos virão do Oriente e do Ocidente, e se sentarão com Abraão, Isaque e Jacó, no reino dos Céus»: Evangelho de S. Mateus, VIII, 11. A lembrança do sacrifício de Abraão aparecia representada nas medalhas, como sustentação dos espíritos ou voto de sacrifício, no tempo das perseguições, e, mais tarde, como sementeira continuada de mártires e evocação deles. É esclarecedora uma medalha anterior ao século VI: no anverso mostra nitidamente o sacrifício de Abraão; no reverso apresenta-se como memorial da oblata de um rapaz pelo pai, diante de um *martyrium* ou altar em honra de um mártir; a legenda acompanhante dá os nomes do pai (*Urbicus*) e do filho (*Gaudentianus*); forma assim um exemplar primitivo das medalhas comemorativas, pessoais, que ainda hoje se usam. Ver D. Fernand Cabrol, *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, Tómo I, 2.<sup>a</sup> Parte col. 18.

(6) De Rossi, *Roma Soterranea*, Roma, 1867. Fern. Cabrol, *Id.* Outras obras nos servem para elucidação histórica e artística das medalhas cristãs, como por exemplo: De Rossi em *Bulletino di Archeologia Cristiana* (1863 em diante); J. Spon, *Recherches curieuses d'antiquités contenues en plusieurs dissertations sur des médailles, bas-reliefs, statues, mosaïques et inscriptions antiques*, Lião, 1683; Pacianđi, *Osservazione supra alcune singolari e strane medaglie*, Nápoles, 1748; E. Babelon, *Le Cabinet des Antiques à la Bibliothèque*

tiva da medalha cristã, considerando a primeira aquela em que toda a *confessio* estava reduzida aos símbolos crucíferos em moedas aproveitadas e em medalhas discoides e monetiformes. Define-se, todavia, a transição entre a medalha da cruz e do *chrismon* e a figurada: nela, mantêm-se estes símbolos, indistintamente um do outro, e na face oposta aparece já uma figuração, que há-de prevalecer. Depois, as personagens, os grupos e as composições de evocação e de invocação do Cristianismo ocupam as duas faces da medalha, o que forma definitivamente a medalha cristã, evocativa e devota.

Em Bizâncio levaram as medalhas o mesmo caminho. Da representação da cruz do Calvário nas moedas, seguida pela da cruz entre dois santos, chegaram, como em Roma, a tomar a feição exclusivamente cristã, sem emblemas ou atributos imperiais. O campo da medalha desenvolveu composições, que o preenchião, atingindo grande nível técnico e artístico. Chapas delgadas de ouro estampavam, do século VI ao VIII, episódios da Vida do Salvador, como a Anunciação, o Presépio do Nascimento, a Fuga para o Egipto, a Adoração dos Reis Magos, as curas milagrosas dos cegos, dos paralíticos, dos possessos, a da hemorroíssa, o encontro da Samaritana à beira do poço de Jacó, a ressurreição de Lázaro, até à Crucifixão (7).

Maurice Prou inseriu no Tomo III (Primeira Parte) da *Histoire de l'Art*, dirigida por André Michel, um estudo da «Arte monetária no período gótico», e lógicamente considerou nele as medalhas (8). «Por medalhas, — escreveu — entendem-se as peças de metal monetiformes, destinadas a perpetuar a recordação de um acontecimento ou a memória de um homem. Na antiguidade, principalmente em Roma, as moedas eram simultâneamente instrumentos de troca e monumentos comemorativos. Nunca as moedas perderam este carácter. Assim, as moedas batidas por Henrique Leão, duque de Brunsvique, apresentam a imagem do leão de pedra, que este soberano mandou erigir sobre sua base em 1166. Só no século XV as medalhas começam a distinguir-se das moedas. Todavia, as mais antigas medalhas francesas conservam o aspecto externo das

---

*Nationale*, Paris, 1887, e *Guide illustré au Cabinet des Médailles et Antiques*, Paris, 1900. Não deixa de ter importância especial, para o sentido e correspondente uso de amuletos monetiformes e de moedas-amuletos na época lusitano-romana, ver Leite de Vasconcelos em *Opúsculos*, vol. V, citado, págs. 116-121: o que diz e mostra de moedas com a efigie do imperador no anverso e um touro ou uma vaca no reverso, dotadas de orifício de suspensão para manter de pé a figura do animal, sem atender à representação imperial.

(7) Uma das medalhas tem no anverso a cruz ao centro, acompanhada do  $\alpha$  e do  $\omega$ , sobrepujada pelo busto de Jesus, que segura uma coroa em cada mão sobre as cabeças de S. Pedro e S. Paulo: estes, de pé, ladeiam a cruz central, e cada um tem na mão a sua cruz; no reverso, a Virgem, sentada e com o Menino sobre os joelhos, recebe os três reis.

(8) André Michel, *Histoire de l'Art*, T. III, 1.<sup>a</sup> Parte, Paris, 1907, pág. 431.

moedas; são afinal moedas de luxo, visto que o seu peso é geralmente múltiplo do das peças correntes. Destinadas a serem oferecidas de presente, demonstram simplesmente a riqueza e o poder de quem as mandava forjar» (9).

Menciona uma moeda medalha de João II de Burbon, senhor de Dombes (1459-1475), a qual conserva inteiramente o aspecto monetário; e, de menor semelhança, descreve uma medalha de François Phoebus, visconde de Béarn (1479-1483), com a representação do encontro de Jesus com Maria Madalena. Nenhuma notícia nos dá, no entanto, de medalhas religiosas; a sua trajectória histórica e tecnológica está na das medalhas comemorativas. Afirma ainda o mesmo historiador das moedas que no reinado de Luís XI (1461-1483) foi introduzida em França a moda das medalhas italianas modeladas e fundidas. As mais antigas medalhas comemorativas da França foram as da celebração nacional da retirada dos Ingleses; fundidas por ordem de Carlos VII, entre 1451 e 1460, destinaram-nas a distribuição pelos príncipes de sangue (10).

Os *ambrosinos* milaneses do século XIII eram moedas, cuja figuração é de verdadeira medalha religiosa: de uma face a imagem de Santo Ambrósio, que deu o nome à moeda, e da outra as imagens de São Gervásio e São Protásio (11). O tipo desta moeda foi porém adaptação do que era corrente em Veneza por influência bizantina, esta por sua vez nascida na sugestão dos selos imperiais. Os *matapãs* venezianos tinham o Salvador no trono, com os Evangelhos, a abençoar; do lado oposto, S. Marcos entregava o estandarte da cidade ao doge; eram, como se vê, autênticas medalhas no espírito, religiosas pela presença de Jesus, e comemorativas ou evocativas da cerimónia de transmissão de poderes na presença simbólica de S. Marcos, padroeiro de Veneza, como Santo Ambrósio o era de Milão; o mesmo simbolismo se manteve nos *ducados* ou *sequins* do século XIII: Cristo abençoante, dentro da auréola amigdalóide, S. Marcos entregando o estandarte. O *florim* de Florença adoptou desde o século XII a feição meio religiosa, com a imagem de São João, padroeiro, na primeira fase representada em busto, mais tarde em corpo inteiro e de pé, e heráldica, na face oposta. E bastam estes exemplos para verificar como a medalha se desprenderá da moeda, quando, ao continuar a tradição das imagens nas chapas monetiformes e com a técnica atingida por aquela, a moeda valer por si o poder de compra, e a medalha reservar, pela significação intrínseca, o poder de devoção, evocação e comemoração.

(9) André Michel, obr. cit., pág. 439. O mesmo Maurice Prou inseria no Tomo I, 2.<sup>a</sup> Parte desta *História* (1905) o estudo: *L'Art Monétaire*, pág. 699 e ss.

(10) Id., *Id.*

(11) O mesmo se pode dizer de moedas portuguesas como os *são vicentes* e *meios*

2—E. Babelon escreveu o capítulo IV da segunda parte do terceiro tomo da mesma História de Arte (André Michel), capítulo subordinado ao título de *Les Origines de l'Art du Médailleur*. Define o sentido que tomou o termo medalha em França, derivado do italiano *medaglia*. E fá-lo assim: estes termos são aplicados a peças monetiformes, de qualquer metal, que os artistas faziam a pedido de particulares, por estes depois guardadas como joias preciosas, não destinadas à circulação monetária. Continua acentuando que é esta a acepção moderna e actual: a medalha tem assim a significação de uma peça comemorativa ou de curiosidade, de piedade ou de recordação, obra de arte monetiforme, frequentemente ornada de um retrato, de uma imagem alegórica ou de fantasia, de um emblema, com inscrição alusiva a determinados acontecimentos, em memória de personagens vivas ou mortas, conhecidas na história, de deuses, heróis, príncipes ou particulares (12). Supõe que a palavra tenha sido usada em Itália antes do meado do século XV e em França no final do século, segundo parece pelas Memórias de Philippe de Commines, em parte redigidas no ano de 1497 (13).

Ainda Babelon estabelece correlação entre as moedas romanas, bizantinas e romano-medievais, e as medalhas de devoção. As medalhas de módulo ampliado, tão cobiçadas pelos colecionadores com o nome fictício e moderno de «medalhões», eram usadas pelos galardoados com elas, em suspensão de colares, *comme nos médailles de dévotion* (14). E insiste em afirmar que à medalha moderna, como a definiu, é ainda a antiguidade que fornece os primeiros modelos e inspira os modernos; no entanto, para ser como é, teve de se libertar do condicionalismo de moeda, a moeda-medalha, para ser única e inteiramente medalha (15).

Também a aplicação, a objectivos religiosos, das moedas romanas e bizantinas dos imperadores, com emblemas cristãos, ou que os cristãos pudessem

---

são vicentes de ouro, de D. João III, e das *conceições* de D. João IV. Teixeira de Aragão, *Descrição Geral das moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal*, vol. I, Lisboa, 1874, págs. 261 e 262, n.ºs 7 a 9, «são vicente» e «meio são vicente», Est. XV; e vol. II, 1877, págs. 15 e seg. Est. XXX, «conceição».

(12) A. Michel, *Hist. de l'Art*, T. III, 2.<sup>a</sup> Parte, Paris, 1908, pág. 898.

(13) No final das observações sobre as medalhas no tempo dos Romanos e da alta Idade Média, Ernest Babelon insiste: o divórcio entre as moedas e a medalha, que só aparece no fim do século XV, como verificou, produziu-se nos monumentos e nos factos anteriores aos últimos anos do séc. XIV. (Pág. 901).

(14) A. Michel, *Hist. de l'Art.*, id. (Babelon), pág. 900).

(15) *Id. Id.*, pág. 901.

tomar como tais, tem de ser observada com atenção, para distinguirmos a origem das medalhas de devoção. Recorde-se que, pela Idade Média adiante, o Império Bizantino conserva, desenvolve e propaga com orgulho as tradições romanas; e, na estabilidade milenária do Império do Oriente, o Cristianismo dominou e influenciou com toda a potência no Ocidente bárbaro. Constantino Magno foi considerado e eleito o representante de Cristo, por ele enviado à terra, um «décimo terceiro apóstolo»; viveu em rigoroso ambiente de grandiosidade e de prestígio religioso. Ao espírito superior do poder do Papado no Ocidente aliar-se-ia depois, nas consequências culturais, a vantagem artística e mercantil do Oriente. E o facto colaborou profundamente na medalhística ocidental, estimulada pela sugestão da beleza dos modelos e pelo processo técnico das obras artísticas, divulgadas por Bizâncio. A origem das medalhas religiosas ou de devoção há-de encontrar-se nessa evolução, ao longo de várias fases, todas tendentes ao objectivo de fé demonstrada, que finalmente se sobrepõe a todas as mais aplicações, para se firmar e unificar no desígnio próprio.

Nem todas as medalhas de representação ou simbolismo de religião correspondem ao que é hoje a medalha de devoção. No entanto, quer na origem, quer na trajectória secular da medalha de afirmação religiosa, houve medalhas de expressão religiosa, que nem foram de uso pessoal, suspensas como as outras, antigas e modernas, nem eram já as placas monetárias.

No Dicionário de Dom Fernando Cabrol fizeram-se referências a discos metálicos, inteiros uns, fragmentados outros, que tinham figuras em relevo apenas de um lado, e eram lisas do oposto; por esta face os fixavam no tecido dos trajes e nos móveis. Os exemplares representados ou citados são do século II ao século IV; as personagens revelam o significado cristão: os apóstolos S. Pedro e S. Paulo, em bustos que se defrontam, o apóstolo S. Paulo (fragmento de disco de prata), a adoração dos Reis Magos, Daniel na caverna dos leões. Não merece dúvida que são medalhas de devoção, o que também reconhece o autor do estudo, que é assinado por H. Leclercq, e foram quase todas encontradas em cemitérios cristãos (16).

A par das medalhas comemorativas de factos e de personagens da História foram igualmente feitas medalhas comemorativas de acontecimentos de ordem religiosa. Estavam dentro do mesmo conceito de comemoração. Apenas o assunto as diferenciava. Eram verdadeiras medalhas de devoção pelo que exprimiam e quando exprimiam factos de devoção. Não basta, a lembrar as moedas, já citadas, das cidades italianas, a presença de uma imagem de santo,

---

(16) *Diction. d'Arch. Chrétienne...*, T. I, 2.<sup>a</sup> Parte, col. 1830-1833.

seja ou não o padroeiro da cidade ou da entidade a que pertence a moeda, para esta se transformar em *medalha de devoção*; fica, ao que me parece, no caminho dela, mas falta-lhe muito para o chegar a ser. Já estão mais próximas, e só lhes faltam duas exigências (o sentimento exclusivamente religioso, com ou sem legendas, e a faculdade de ser portátil no uso pessoal, corrente), para atingir a meta da verdadeira e real «medalha de devoção». Mesmo assim, não deixam de exprimir devoção e de se referir a factos de devoção. É o caso, por exemplo, das medalhas comemorativas da fundação da Basílica do Sagrado Coração de Jesus, mais conhecida por Basílica da Estrela, em 1779, em Lisboa, ou das celebrações do Cinquentenário da Definição do Dogma da Imaculada Conceição de Maria no Sameiro, em 1904, de que falaremos adiante. Também não deixa de o ser a medalha, que D. Pedro II mandou fazer e destinou ao túmulo de S. Francisco Xavier, na igreja do Bom Jesus em Goa. O significado espiritual dessas medalhas é perfeitamente o das medalhas de devoção. Esta concorda com as dos séculos II a IV, próprias para serem fixadas em estofo ou móvel.

Quando Artur Lamas no volume I, único publicado (17), *Medalhas Portuguesas e estrangeiras referentes a Portugal*, faz a classificação das medalhas, estabelece estes grupos: A — *Comemorativas* de factos, de personagens a quem foram dedicadas, de monumentos, etc.; B — *De galardão* ou recompensa; C — *Medalhas-insígnias*: a) das ordens: religiosas, militares e civis; b) de corporações, ou agrupamentos de carácter religioso; D — *Religiosas* ou cultuais, vulgarmente denominadas verónicas ou veneras (18).

Ora, entre as comemorativas, há as de factos e personagens de religião, como foi aludido acima; só não entrarão no grupo D de A. Lamas, por não serem destinadas a andarem suspensas de colares e cordões dos devotos. No grupo B cabem as de prémios, por exemplo, de colégios religiosos, e as de organizações, embora não religiosas, mas distribuídas em festas de padroeiros, e todas andam e ficaram ligadas a motivos de devoção. As «medalhas-insígnias» das ordens religiosas, estas por natureza própria da sua formação, e militares, como derivadas das antigas ordens militares com voto religioso e com a imagem ou o símbolo-emblema do patrono respectivo, devem ser incluídas na classificação de «medalhas de devoção», porque directamente ou indirectamente o são. O mesmo sentido devoto é o das medalhas de associações, ligas, irmandades, confrarias, etc., de carácter religioso. Compreende-se e justifica-se a classificação de Artur Lamas; mas, para o objectivo presente nesta

---

(17) A obra planeada foi interrompida pelo falecimento do Autor em Paris.

(18) Artur Lamas, *Medalhas Portuguesas...* Lisboa, 1916, Prefácio, pág. IX-X.

nota e em atenção à sequência do assunto, a classificação do saudoso medalhista deve ser alterada e ampliada.

Certamente não é razão suficiente para as separar em capítulos diferentes o facto de umas medalhas terem suspensão e outras estarem desprovidas dela. Medalhas de peregrinação ao Santuário do Sameiro, ao do Bom Jesus do Monte, ou ao da Senhora de Fátima, ou de comparência e visita aos mesmos santuários, tanto as há com argolas de suspensão, alfinetes de prisão e botão de encasar na lapela, como as há iguais, variantes de dimensões, aplicadas a objectos de devoção e de memorial. Também as medalhas comemorativas, como as do Sameiro e da Basílica da Estrela, foram comprovativas de factos de devoção, e não tiveram aneis ou lhes fizeram furos de suspensão, para deixarem na verdade de ser medalhas de devoção. Por isso agrupamos na designativa de «medalhas de devoção» todas as que revelam objectivo religioso e assim lhes chamaríamos com maior propriedade «medalhas religiosas».

No capítulo «A Medalha em Portugal», na Introdução do livro de Artur Lamas (19), nota-se a pobreza da medalhística em nosso país; só teve surto nos princípios do século XVIII, no reinado de D. João V (20). As que se fizeram nos séculos XVIII e XIX, ou foram trabalhos de artistas estranhos, com provas quase sempre insuficientes, ou de artistas nacionais pouco felizes. António Mengin abriu medalhas e cunhos de moedas reais; foi um dos homens que no estrangeiro D. João V mandou contratar para o exercício artístico em Portugal; trabalhou para este Monarca e para D. José. Outros nomes de gravadores de moedas, que já pertenceram ao século XIX, foram os de José Gaspart, ainda do tempo de D. José, mas falecido já neste século, João de Figueiredo, do Arsenal do Exército, José António do Vale, Henrique Vassallo, Vicente Leite, Avelino Peres, Francisco Xavier de Figueiredo, Amaro Marques, Charles Wiener, Jean Joseph Dubois, e outros, que em nada ou em muito pouco permitiram que a medalhística portuguesa progredisse em técnica mas principalmente em bom gosto e arte.

(19) «Introdução», de pág. XVI em diante.

(20) Nos alicerces da construção do convento joanino de Mafra foram depostas medalhas, cunhadas no reinado de D. João V; Francisco Xavier da Silva inseriu a lista delas no *Elogio funebre e historia...* de D. João V, Lisboa, 1750, págs. 229-231; Fr. João de S. Joseph do Prado, *Monumento sacro da fabrica, e solemníssima sagração da santa basilica do real Convento, que junto à villa de Mafra dedicou a Nossa Senhora e Santo Antonio a Magestade Augusta do maximo Rei D. João V*, Lisboa, 1751; descreve-as a págs. 6 e 8. Este religioso, a quem Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*, chama Fr. João José do Prado, foi perito em assuntos de cerimónias eclesiásticas, pelo que foi «eleyto Mestre dellas em o Real Convento de Santo Antonio de Mafra, fundado pela magnífica piedade del-Rey D. João o V» (*Bibliot. Lusit. s. v.*).



As medalhas de devoção eram numerosas mas de padrão e feitura de Itália, do século XVIII por diante, algumas delas datadas e muitas com designação da cunhagem em Roma. As que viessem de outra origem, obedeciam aos mesmos tipos e padrões, sem indicação da origem, pelo que se deve concluir que afinal eram todas ou na grande maioria italianas. São muitas as que existem em colecções particulares, bastantes as que se encontram a cada passo como relíquias e curiosidades de família, ou dispersas aqui e além, como «coisas antigas»; o Museu Etnológico tem bom número delas na sua «Secção de Medalhística».

As formas destas medalhas, com a suspensão, ora de argola, ora de aselha simples ou dupla, variavam entre circulares, elípticas, rectangulares de cantos truncados (octogonadas); havia-as cruciformes equiláteras, com a figuração circular ao centro, e estrelares com a mesma disposição centrada da imagem. As dimensões das medalhas da colecção do Museu Etnológico vão de 0,<sup>m</sup>023 de altura por 0,<sup>m</sup>020 de largura, a respectivamente 0,<sup>m</sup>055 por 0,<sup>m</sup>042, nas de maior vulto. Foram, pelo tamanho, as que mais resistiram às perdas e desca-minhos. Mas também abundam as de menor porte.

3 — Já ficou dito que devem considerar-se «medalhas de devoção» as comemorativas de qualquer acontecimento ou de homenagem a qualquer entidade, quando têm por objectivo a expressão de sentimento religioso. Foi matéria de fé a decisão de D. Pedro II oferecer um medalhão, expressamente feito, para ser colocado no túmulo de S. Francisco Xavier em Goa; supõe Artur Lamas que foi cunhado em Lisboa, no reinado do Soberano (21). Por voto a cumprir, levantou D. Maria I em Lisboa a Basílica do Sagrado Coração de Jesus; por comemoração do facto mandou cunhar medalhas: uma com a fachada do templo numa face e a planta (VESTIGIUM TEMPLI) na oposta; outra com o Coração de Jesus em glória e esplendor, no anverso, e a inscrição declaratória da fundação, no reverso (CUI. BENEFICIUM./ACCEPTAE. PROLIS./DEBETUR./AD. IMPERII. LUSITANI./FIRMOREM./STABILITATEM.//); outra com as efígies conjugadas de D. Maria I e D. Pedro III na face, e, dentro de uma sacra nobre, na contraface, a legenda comemorativa e a data no exergo: ANNO DOMINI./MDCCLXXIX (22). De devoção foi a medalha de desagravo

(21) Artur Lamas, *Medalhas*, «Introdução», pág. XIX. Como o A. cita sempre Lopes Fernandes, abstenho-me de o repetir, mas aqui tenho de o fazer: *Memória das Medalhas...* Lisboa, 1861, n.º 131 (reprodução do medalhão).

(22) Art. Lamas, respectivamente, pág. 62, n.º 56, pág. 64, n.º 70 e n.º 64. Outras da

e de comemoração, pelo desacato cometido em Lisboa na igreja de Santa Engrácia, acontecimento que provocou a erecção do imponente e curioso templo da mesma invocação, todavia inacabado (23). De comemoração de acontecimento de devoção é a medalha comemorativa do primeiro centenário da fundação do santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga, no ano de 1864 (24). No mesmo caso está a medalha comemorativa da exposição do corpo de S. Francisco Xavier, em Goa: a medalha tem expressamente na legenda o seu objectivo: LEMBRANÇA / DA EXPOSIÇÃO / DO CORPO / DE / S. FRANCISCO XAVIER / EM 1878.//; no anverso, tal qual as medalhas vulgares, contém a jaculatória: S. FRANCISCO XAVIER ROGAI POR NÓS. Comemorativa é a medalha dedicada em 1878 ao Santo Padre Pio IX (25). É também do grupo a medalha, que, em Maio de 1886, a Arquidiocese de Braga consagrou ao Sagrado Coração de Jesus, da Cidade. Comemorativas e devotas foram as medalhas numerosas, que apareceram em 1895, quando corriam as celebrações do sétimo centenário de Santo António; em 1891, a Associação Tutelar da Infância de Santo António comemorara com medalha sua a instituição (26). Do mesmo ano é a do primeiro Congresso Internacional Católico (27).

Entre as medalhas de origem italiana do século passado, aparecem muitas dedicadas a «S. Antonio di Padua», só ou com «S. Francisco O. F.», «S. Bárbara V. M.», «Sancta Elena», etc., o que se dá com as da mesma devoção, feitas em Itália, trazidas de lá por visitantes e por peregrinos portugueses.

Medalhas comemorativas e simultâneamente de devoção foram cunhadas para as festas jubilares da definição dogmática da Imaculada Conceição, no Sameiro, em Braga, com a dupla data comemorativa 1854-1904 (28). De comemoração é a medalha da celebração da primeira missa na nova igreja de Cedofeita, no Porto, em 1906 (29). Foi também comemorativa a medalha do primeiro

---

mesma comemoração: págs. 63, n.º 60; 64, n.º 65 e n.º 68; etc. São de prata, bronze e estanho ou chumbo.

(23) Art. Lamas, «O Desacato da Igreja de Santa Engrácia e as insígnias dos Escravos do Santíssimo Sacramento», em *O Archeologo Português*, vol. X, Lisboa, 1905, págs. 224 e ss.; *Medalhas*, «Introd.»; pág. XIX.

(24) A. Lamas, *Medalhas*, págs. 313, n.º 243.

(25) A. Lamas, *Medalhas*, págs. 279-280, n.º 185.

(26) Foram muitas as medalhas comemorativas do centenário de Santo António, feitas de metal e de barro limpo, colorido ou vidrado. Ver em A. Lamas, *Med.*, de págs. 355, n.º 262 a 367, n.º 297, vinte e nove exemplares incluídos.

(27) A. Lamas, *Medalhas*, pág. 340, n.º 256.

(28) A. Lamas, *Medalhas*, de págs. 438-439, n.º 373, e 441, n.º 378.

(29) A. Lamas, *Medalhas*, pág. 460, n.º 398.

Congresso Eucarístico de Viana do Castelo, em 1929; igualmente, a do segundo Congresso Nacional do Apostolado do Coração, no Porto, em Julho de 1945, por ocasião do centenário da instituição desse culto, 1844-1944. Já em 1858 era conhecida uma medalha de devoção do Apostolado, datada de III/DE/DE-ZEMBRO/MDCCCLVIII. Também medalha comemorativa e de devoção é a da peregrinação ao Sameiro, pelo quinquagésimo aniversário do Apostolado, com a data de 20 de Maio de 1894.

Como estas, outras medalhas comemoraram, com a cunhagem e o curso, acontecimentos de ordem de devoção. Ficam as indicadas, para considerações convenientes e por motivo de classificação.

As insígnias de associações religiosas, institutos, irmandades, confrarias, não facultam discussão, pois, se cada uma tem seu fim de devoção particularizada e seu patrono ou padroeiro, é evidente que temos de as classificar dentro do esquema das medalhas de devoção. As insígnias do Apostolado da Oração, tanto as dos associados gerais como as dos cargos de zelatura, são verdadeiras medalhas distintivas de um aspecto ou sector do culto religioso; variam as formas na unidade cultural, desde as monetiformes às cruciformes e em feição de escudo. As insígnias da Cruzada Eucarística das Crianças, em forma de cruz, e as das Irmãs Eucarísticas na de coração (Ordem Terceira de S. João Eudes), pertencem à mesma categoria de medalhas de devoção. A já citada medalha de desagravo do desacato de Santa Engrácia serviu de insígnia à Associação das Escravas do Santíssimo Sacramento, que se fundou para continuidade e permanência do desagravo.

A Mina de S. Domingos teve por padroeira Santa Bárbara; festejava-a no dia litúrgico respectivo; como festejava também o onomástico em S. Domingos. Em 1904, a empresa cunhou medalha de alumínio em memória dos «FESTEJOS A S. DOMINGOS», com imagem do Santo no anverso e a respectiva legenda jaculatória, e o templo no reverso; medalha comemorativa, pois. No dia de Santa Bárbara era distribuída aos «torneiros» uma medalha de devoção: a imagem com a legenda SANCTA BARBARA ORA PRO NOBIS, de um lado, e o cálice eucarístico no meio de uma haste de trigo, à esquerda, e outra de videira com uvas, à direita, acompanhado da legenda COR JESU SACRATIS M. NOBIS. Quer dizer: a medalha comemorativa de uma data devota não excluía a medalha permanente de devoção. Deve também observar-se que nem sempre as medalhas de devoção pertencem a associações religiosas, embora ligadas a actos cultuais.

Mais pessoais, sem deixarem de obedecer ao mesmo critério e ao mesmo sentimento religioso, são as medalhas cunhadas de uma só face, para serem aproveitadas em oportunidades familiares, ficando a face lisa reservada à le-

genda comemorativa. São para tal fim escolhidas medalhas de devoção de um santo apropriado; conheço uma medalha de prata de S. Luís de Gonzaga, padroeiro dos rapazes, que serviu para comemorar o dia da primeira comunhão de um jovem; ofereceram-lha o pai e os irmãos, que deixaram na face lisa a data, o acontecimento comemorado e a indicação dos oferentes: medalha comemorativa e medalha de devoção (30).

Os colégios de feição religiosa têm seu patrono; aparece nas medalhas de prémios escolares. O Colégio dos Nobres tinha a imagem de Nossa Senhora da Conceição nas suas medalhas. A medalha escolar do Colégio dominicano do Corpo Santo em Lisboa era do mesmo teor (31). A medalha da Universidade de Coimbra, como o sêlo universitário, foi dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

Os santuários mais concorridos cunharam a sua medalha, cuja distribuição manifesta a presença de quem os visitou e a colaboração em festas do orago e em peregrinações e romarias. Correspondem ao uso dos antigos «registos de santos». Antes do emprego, já tardio, das medalhas de santuários, autênticas medalhas de devoção, o «registo de santo» significava o mesmo que elas depois representaram; certamente foi o registo a causa de se desenvolver tarde o uso da medalha das peregrinações e das devoções particulares, que não exigiam deslocamento mais ou menos longo e duradouro. Os «registos» estavam na tradição; as irmandades e confrarias tinham as suas chapas da gravura, e imprimiam-nas sempre que lhes fosse necessário; além disso, as casas editoras imprimiam «registos» em série, com o lugar da legenda em branco, servindo assim para qualquer lugar; desde que a imagem correspondesse, parecida ou não, isso pouco importava à imagem particularmente festejada.

Como aconteceu com as medalhas, também «registos» foram estampados por voto e devoção de particulares. Quem hoje traz da Senhora do Sameiro, do Bom Jesus de Braga, da Senhora dos Remédios, de Lamego, da Senhora da Nazaré, da Senhora de Fátima, as medalhas dos santuários, trouxe, exceptuada a última invocação, por mais nova, os «registos» respectivos.

trouxe, exceptuada a última invocação, por mais nova, os «registos» respectivos.

Muitas das medalhas, de que se falou, quer de comemoração devota, quer de associações, e de variada devoção, figuraram na Exposição de Arte Sacra, realizada no Porto, na oportunidade do segundo Congresso Nacional do Apostolado da Oração (1944). Estiveram entre elas exemplares numerosos de medalhas estrangeiras, a que se não fez aqui referência, porque só das portuguesas

---

(30) Outra: Anv. S. LUIS; Rev. Primeira | Comunhão | Lembrança de | seus irmãos | 21-6-904; AR. 0,0155. É uso muito antigo; a propósito, é notável o estudo de J. Corblét, *Médailles baptismales de l'Antiquité Chrétienne et du Moyen Âge*, na «Revue des Sociétés Savantes», T. VII, 1878, págs. 88 a 95.

(31) Xavier da Cunha, *A Medalha Escolar do Colégio do Corpo Santo*, Coimbra, 1907.

era interesse curar; de mais, os tipos e as aplicações obedecem ao mesmo padrão e a igual destino. O *Album da Exposição*, organizado por B. Xavier Coutinho, faculta os necessários esclarecimentos (32).

4 — Podemos em conclusão formar um esquema de estudos, para sequência de averiguações e de informes da história e do uso das medalhas religiosas. Seja qual for, deve ser nestas linhas gerais:

Origem da forma-padrão e das representações figuradas e simbólicas. Uso.

Encontro das moedas-medalhas com as medalhas de devoção, e destas com os «registos de santos» com as imagens festejadas: como eles, a medalha sinal de presença, devoção, recordação.

Aplicação: festas de orago, peregrinações e romarias, preferências de devoção, comemorativas (pessoais e de acontecimentos colectivos; de aniversários, centenários, anos santos), de homenagem, indulgenciais, etc. Insígnias (ordens, irmandades, colégios religiosos, etc.).

Utilização: pessoal, em oratório, em terços e rosários, na ourivesaria, para prémios, prendas e lembranças.

Forma: circulares, elípticas, cordiformes ou simplesmente ovais, triangulares, rectangulares, losangulares, oitavadas (rectângulo de ângulos rebaixados linearmente), cruciformes (quadriláteras ou de cruz latina), estrelares; inteiras e vazadas; de bordos lisos, serrilhados, recortados; guarnecidas de pedras, etc.

Material: ouro, prata, prata dourada, bronze, bronze dourado, latão, cobre, alumínio, chumbo. Dourado, prateado, niquelado; esmaltes (totais ou parciais); filigranas. Gêssos, faiança, barro, com esmalte ou vidrado, nu ou pintado.

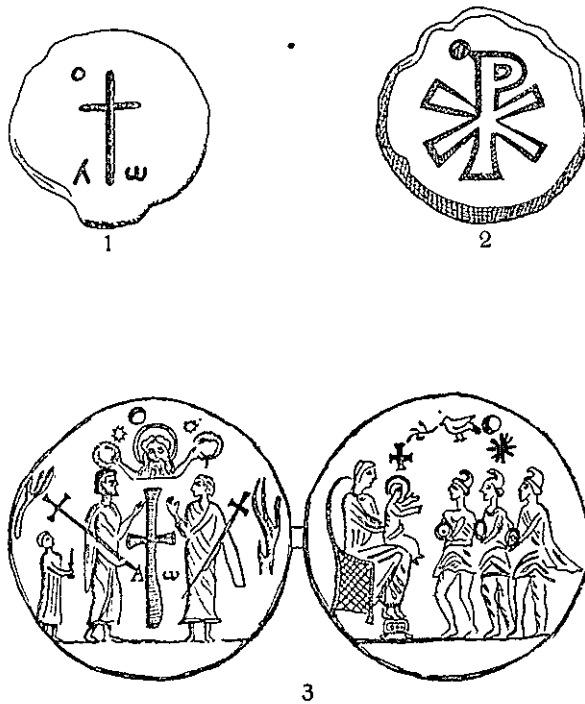
Técnica: gravura, cinzelado, fundição em pequeno ou grande relêvo.

Legendas: transcrições dos livros sagrados, jaculatórias, nomes, evocações históricas, laudatórias, evocativas, etc.

Figuração: anverso e reverso: imagem-imagem; imagem simples-imagens agrupadas; imagem-cena episódica; imagem-símbolo; imagem-santuário; imagem-oração; imagem-legenda comemorativa; grupo-grupo; grupo-alegoria; símbolo ou alegoria-símbolo ou alegoria; retrato-símbolo; retrato-evocação; retrato-invocação; retrato-legenda; figuração-reverso anepígrafo e liso.

---

(32) B. Xavier Coutinho, *Album da Exposição de Arte Sacra* do 2.º Congresso Nacional da Oração, 1844-1944. Porto, 1946: 3.º Capítulo «Numismática e Medalhística», págs. 175-179, e, especialmente, b) Medalhística religiosa, págs. 179-193, com numerosas fotografuras.



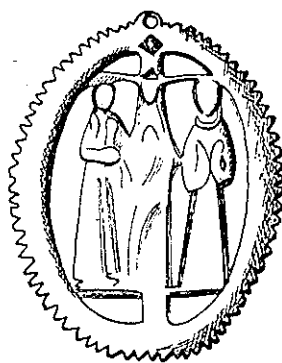
N.º 1 e 2: medalhas de prata, unifaces, com a cruz e o *chrismon* gravados e esmaltados de negro: séc. IV ou V. (Vid. 1.ª página deste estudo). Do *Bulletino di archeologia cristiana*, 1869, Est. III, n.º 3 e 4.

N.º 3: medalha bizantina, biface, com a coroação de S. Pedro e S. Paulo no Paraíso, no anverso, e a adoração dos Reis Magos, no reverso. Séc. V ou VI? (Cfr.. nota7). No mesmo *Bul. di arch. crist.*, n.º 9.

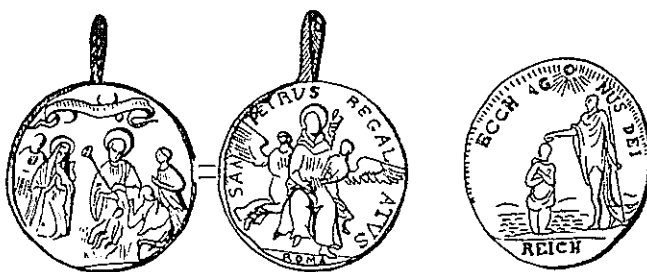


1

2



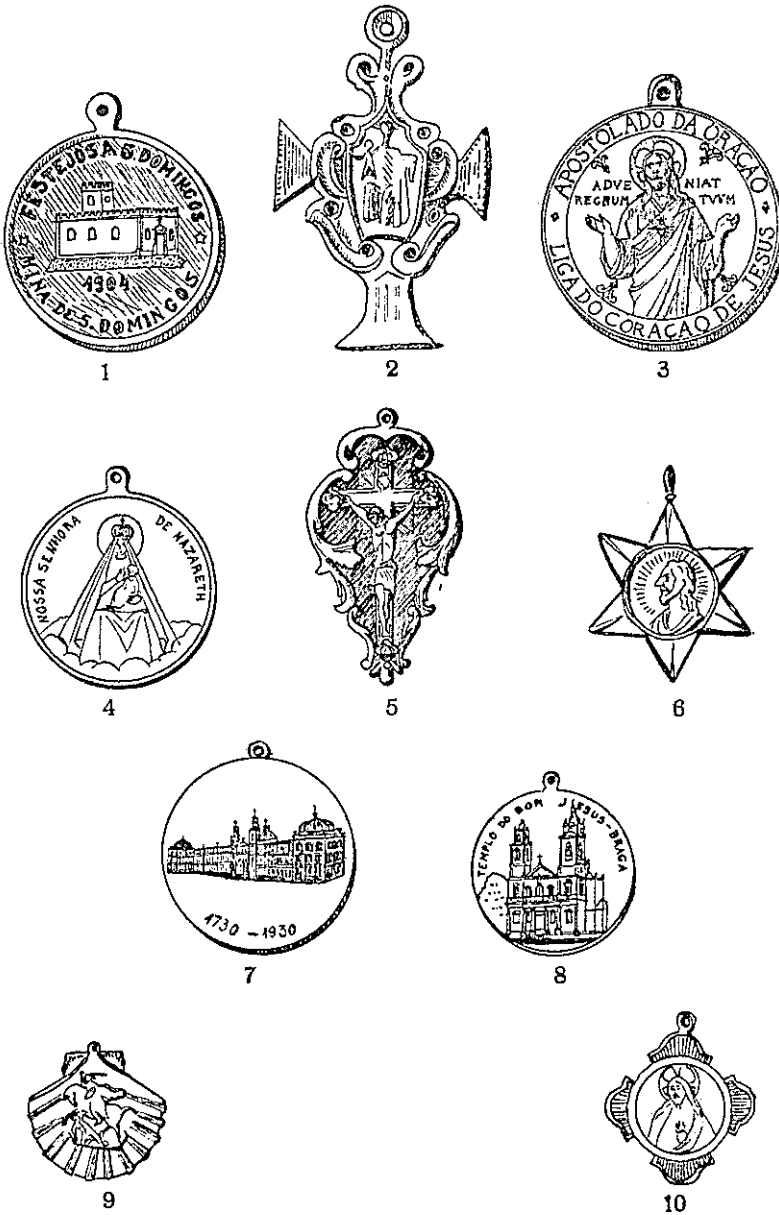
3



4

5

Medalhas de bronze: n.ºs 1, 2, 4 e 5, inteiras e de bordos lisos; n.º 3, vazada e de bordo serrilhado. Modelos dos séculos XVII e XVIII. Bifaces. N.º 4: anverso com a Adoração dos pastores; reverso com «San Petrus Regalatus». N.º 5, Baptismo de Jesus Cristo.



Medalhas de devoção, de vários modelos e metais, dos séc. XIX (final) e XX: de alumínio, cobre, cobre dourado, latão, estanho (n.º 2): comemorativas (1, 7), do Apostolado da Oração (3, 6 e 10), de peregrinações e romagens (4, 8 e 9), de irmandade (5, do Senhor dos Navegantes, de Lisboa).